

OS RUMOS DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: OS CONCEITOS DE ENVOLVIMENTO E DISTANCIAMENTO EM NORBERT ELIAS

The direction of scientific knowledge: the concepts of involvement and detachment in Norbert Elias

Daniel Costa Farias

Doutorado em Sociologia

Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, PPGS/UFPE, Pernambuco, Brasil
fcostdaniel@outlook.com

<https://orcid.org/0000-0002-5155-5618> 

A lista completa com informações do autor está no final do artigo 

RESUMO

A preocupação em elaborar uma sociologia do conhecimento foi uma das principais atividades que interessaram Norbert Elias. Para o autor, nossa sociedade acumulou um fundo de conhecimento tão grande que, por sua vez, possibilitou o surgimento de ciências que podem estudar os indivíduos e as sociedades. No entanto, o sociólogo explica que essas ciências ainda não atingiram o mesmo nível de maturidade das ciências exatas e biológicas. Diversas são as explicações, vários são os motivos, mas para Elias um dos principais entendimentos diz respeito à relação entre conhecimento e controle das emoções que pode influenciar diretamente na mesma produção de conhecimento. Disso, o autor cria o par conceitual envolvimento/distanciamento para buscar compreender o processo de formação do conhecimento em nossas sociedades. O presente artigo vai analisar os conceitos de envolvimento e distanciamento em Norbert Elias. Partiremos de uma leitura e investigação em seus trabalhos de caráter mais epistemológico, como também na leitura de autores que estudam Elias, para entender como o autor reflete sobre a questão.

PALAVRAS-CHAVE: Norbert Elias. Epistemologia. Sociologia do conhecimento. Valores. Emoções.

ABSTRACT

The concern to elaborate a sociology of knowledge was one of the main activities that interested Norbert Elias. For the author, our society has accumulated such a large knowledge fund that, in turn, enabled the emergence of sciences that can study individuals and societies. However, the sociologist explain that these sciences have not yet reached the same level of maturity as the exact and biological sciences. There are several explanations, several are the reasons, but for Elias, one of the main understandings concerns the relationship between knowledge and control of emotions that can directly influence the same production. Of this, the author creates the conceptual pair involvement/distancing to understand the process of knowledge formation in our societies. This article will analyze the concepts of involvement and distancing in Norbert Elias. We will start from a reading and research in their more epistemological work, as well as reading the authors who study Elijah, to understand how the author reflects on the issue.

KEYWORDS: Norbert Elias. Epistemology. Sociology of Knowledge. Values. Emotions.

1 INTRODUÇÃO

A obra de Norbert Elias é reconhecida como uma das principais da sociologia contemporânea, tanto pela sua amplitude analítica, como também pela variedade de temas que o autor estuda no decorrer de seus trabalhos¹. Seu método sociológico, que discorre acerca da longa duração dos processos sociais, é considerado por muitos autores como um dos mais admiráveis do campo das ciências sociais.

Mas o autor também se interessou por temas mais teóricos da epistemologia, como a condição social do conhecimento ou na possibilidade e desenvolvimento dos saberes sobre o ser humano. Então, a possibilidade de desenvolver um conhecimento sobre a vida social foi uma indagação importante em seus últimos trabalhos, do mesmo modo, seu interesse foi elucidar como deve ser uma análise sociológica e preconizar a neutralidade axiológica, sugerida por Weber, postura que teve durante toda sua vida. Elias se interessou em compreender a relação que existe entre emoções e conhecimento. Sabia que essa relação tinha influência no modo como enxergamos e vivenciamos os fenômenos naturais e sociais, como também sabia que o modo como analisamos esses mesmos fenômenos é bastante distinto. No decorrer dos séculos, as ciências da natureza se desenvolveram de maneira diferenciada das ciências sociais, isso chamou a atenção de Elias que, por seu turno, buscou entender esse processo de modo sociológico.

Uma das ferramentas que o sociólogo de Breslau sugere para essa empreitada são os conceitos de envolvimento e distanciamento. Mas o que autor quer dizer com esses conceitos? Para que servem? Quais são as contribuições que trazem para a sociologia e as ciências? Por meio de uma leitura e investigação em seus trabalhos de aspecto mais epistemológico², bem como a leitura de autores que pesquisam Elias, vamos analisar esses pontos para, assim, entender como o autor pensa essa questão.

¹ Neste texto, pretendo ampliar uma discussão acerca do conhecimento que fiz na seção 2.6.1 do segundo capítulo de minha tese, "Processos de sofrimento e civilização: uma interpretação do pensamento de Norbert Elias". Meu objetivo é abordar aspectos que não foram tratados naquele momento e, dessa forma, oferecer mais subsídios para compreender o tema em Elias.

² Segundo Dunning e Hughes (2013) a sociologia do conhecimento de Elias busca compreender como os processos sociais influenciam e são influenciados pelo desenvolvimento do conhecimento humano. Ou seja, o autor alemão pretende explorar determinados processos sociais para a compreensão de questões relacionadas ao conhecimento e o desenvolvimento das ciências, como também as condições de possibilidade da sociologia enquanto ciência.

2 ENVOLVIMENTO E DISTANCIAMENTO: DOIS LADOS DE UMA MESMA MOEDA

No trabalho e pesquisa de Norbert Elias, é notável que o autor não deixa de lado um aspecto: as emoções dos processos de aquisição de conhecimento. Dessa forma, o sociólogo não separa racionalidade humana e emoções para compreender como agimos e pensamos simultaneamente. O autor diz que as pessoas estão sujeitas a forças sociais que as compelem a agir de forma específica. Quando razoável, cotidianamente tentam entender essas forças para adquirir um controle sobre as mesmas e impedir, assim, as implicações prejudiciais e singulares de significados instantâneos, os quais causam inúmeras infelicidades e preocupações aos indivíduos (Elias, 2008).

Destarte, Elias argumenta que mesmo nosso pensamento é configurado, até certo ponto, pelas circunstâncias de nosso ambiente social. E se os grupos humanos se entregarem a fantasias de todos os tipos, as emoções e sentimentos podem ficar incontroláveis em alguns momentos. Sobre isso, Elias (2008) observou que, quando se trata de problemas da vida social, as pessoas estão sujeitas a forças que ainda não compreendem de maneira satisfatória e, por essa razão, não entender o que está ao nosso redor pode facilitar idealizações e especulações variadas, até conspirações com inimigos imaginários.

Segundo Kilminster (2007), Elias explica que quando as fantasias não são controladas pelo conhecimento dos fatos, emoções perigosas, pensamentos fantasiosos e impulsos destrutivos podem desempenhar um papel vital nas relações entre as pessoas em uma configuração social. Nessa situação, os mitos ganham espaço, os pensamentos paranoicos penetram os discursos fantasiosos, sem contar que, do mesmo modo, surgem sistemas de crenças que prometem prazer e alívio imediato para as nossas dores cotidianas. Não estranha que essas narrativas tenham alta procura, pois além de proporcionarem uma gratificação imediata são, da mesma maneira, muito reconfortantes ao nos recontar o que queremos ouvir e sentir. Mas o conhecimento científico não deve seguir esse sugestivo percurso, diz Elias (2008). Para o autor, o objetivo da ciência deveria ser explicar e dissipar os mitos e, por sua vez, demonstrar por meio de pesquisas e investigações que muitas crenças não são baseadas em fatos observáveis. Por esta razão, mesmo que a conjectura colabore para o surgimento de um sistema de crenças para a própria felicidade e benefício do grupo, o trabalho, por parte do sociólogo, de “destróçar” os mitos, não deve parar nunca, visto que os mitos podem interferir em uma visão mais

consistente da realidade e dificultar de modo considerável o desenvolvimento do conhecimento científico que colabore para uma visão objetiva do mundo (Elias, 2008).

Com efeito, como Elias adiantou em boa parte da sua obra, o controle das emoções é fundamental no processo civilizador, pois é uma propriedade desenvolvida nas redes de interdependência entre pessoas para evitar a violência e os seus descompassos, por isso, a falta de controle emocional pode nos impedir de alcançar uma percepção mais adequada e precisa do desenvolvimento e da mudança social (Kilminster, 2007). Assim, a pesquisa sociológica também pode ser prejudicada nesse processo, pois ainda pode estar ligada, de algum modo, a diferentes sistemas de crenças seculares que orientam os indivíduos em momentos de crise. Como posto por Elias, o sociólogo deve abandonar o pensamento de que existe ou pode existir uma correlação imediata entre os seus valores e os fenômenos sociais que investiga.

Portanto, para compreender a composição das configurações humanas, é importante que tenhamos alcançado um distanciamento significativo no que diz respeito à configuração em que estamos colocados, pois, como aponta Elias (2008), convergências, necessidades e as relações de poder que os grupos sofrem e exercem uns sobre os outros, têm importância basilar nesse processo. Isto posto, ao pensar na relação entre emoção e conhecimento, Elias (1997) propõe a dupla conceitual de envolvimento e distanciamento para chegar a um compromisso nesse vasto debate e evitar utilizar dicotomias como subjetivo/objetivo, racional/irracional, entre outras que compõem nosso conhecimento sobre a vida social.

Segundo Elias (1997), não se pode dizer que a posição da pessoa seja completamente envolvida ou distanciada. Apenas crianças de colo e pessoas em estado de psicose estão tão absorvas em suas ações que rapidamente se tornam emocionais em qualquer situação. Da mesma forma, apenas as pessoas com problemas graves de saúde mental se encontram em uma situação de isolamento que as torna distantes do que está acontecendo com os outros ou com o ambiente social. Por seu turno, Elias (1997) afirma que os comportamentos adultos se enquadram, geralmente, entre essas duas terminações de uma escala:

Mas a vida social dos seres humanos, tanto quanto é dado conhecê-la, entraria em ruptura caso os padrões de comportamento adulto avançassem demasiado quer numa quer noutra direção. Dito de forma mais precisa: a possibilidade de uma vida coletiva organizada baseia-se na combinação do impulso de distanciamento com o impulso de envolvimento no comportamento e pensamento humanos; impulsos esses, que se controlam mutuamente. [...] Ao utilizarmos esses conceitos, referimo-nos, pois, a

formas variáveis de equilíbrio entre dois tipos de impulsos comportamentais e de vivência que impelem os seres humanos mais no sentido do distanciamento ou do envolvimento no quadro da sua relação uns com os outros, com os objetos não-humanos da natureza e consigo mesmos (quaisquer que possam ser as suas outras funções) (Elias, 1997, p. 17-18).

Para Elias, entre o envolvimento e o distanciamento, existe um *continuum*. Mas como determinar quando um saber ou comportamento é mais um do que outro desses dois polos? Segundo o sociólogo, somos mais distanciados no que se refere aos fenômenos da natureza, mas somos mais envolvidos quando se trata de acontecimentos individuais ou fatos sociais (Rojek, 1986). Nesse aspecto, o que é importante é conhecer os diversos graus de distanciamento e envolvimento, sugere o autor.

A formulação epistemológica de Elias visa uma espécie de análise sócio-histórica que pouco tem a ver com a distinção entre ciência e “não-ciência”, mas principalmente em compreender o surgimento dessa percepção, como também o interesse em diferenciar os saberes científicos constituídos. Para o autor, o que distingue o pensamento científico do pensamento mais comprometido emocionalmente com os acontecimentos e a realidade, por assim dizer, é o grau de intensidade e o tipo de associação tecida entre tendências mais distanciadas ou mais comprometidas (Elias, 1997).

Sobre isso, o sociólogo ressalta que, não obstante, os indivíduos têm dificuldade em controlar suas emoções quando os mais variados acontecimentos prejudicam significativamente suas vidas, do mesmo modo, quando sua capacidade de controlar o percurso de suas vidas é abalada de modo contundente. É por isso que, segundo o autor, o sociólogo, enquanto profissional, deve almejar tornar mais verossímeis as configurações modeláveis que os indivíduos formam juntos, para si mesmo e para os outros, bem como suas agregações e transformações das mesmas (Heinich, 2001; Dunning; Hughes, 2013). Dessa maneira, Elias (1997) observa que as pessoas vivem em uma sociedade repleta de conflitos e tensões, e “lutam” quase diariamente consigo mesmas ou com os outros para encontrar a melhor forma de superar as adversidades, da vida social ou relativa aos fenômenos naturais. A exposição aos mais diversos perigos aumenta muito a carga emocional nas relações interpessoais e esse tipo de situação social reduz muito uma leitura mais desapegada dos fenômenos humanos.

Elias (1997) chama a atenção para o fato de que os indivíduos das sociedades industrializadas e urbanizadas muitas vezes pensam que é necessário distinguir entre o que é virtual e o que é real. Porém, essa distinção não é algo dado, pois foram esses indivíduos que tiveram que aprender, em um processo social, a distinguir entre o que

poderia ser chamado de “real” e o que não poderia ser assim denominado. Curiosamente, esses padrões de diferenciação mudam com frequência. Por conseguinte, quem não segue as normas sociais de uma determinada configuração social pode ser visto como um problema para os que já estão bem estabelecidos e até mesmo colocar o indivíduo em situação de *outsider* (Elias; Scotson, 2000).

Afirmar o que é verdadeiro, e o que não é, muda à medida que os padrões de comportamento e controle em uma sociedade mudam concomitantemente. Elias (1990) diz que esses padrões estão sempre em movimento. E quanto mais complexas são as configurações humanas, mais diferenciado é o comportamento e maior a necessidade de controle emocional por parte dos indivíduos, para assim evitar situações de agressão, violência e outros infortúnios da vida social. Assim, o autor pensa que a forma como cada pessoa em uma configuração social vive e convive com os acontecimentos ao seu redor está diretamente ligada e depende do nível de conhecimento, como também o nível de compreensão que sua sociedade alcança (Elias, 1997).

É importante ressaltar que, nesse debate intelectual acerca do conhecimento, Elias acaba por resgatar muitos dos argumentos desenvolvidos por Karl Mannheim, seu antigo mentor e uma de suas principais influências. Para Mannheim (1972), é preciso destacar a origem social do pensamento e conhecimento, ou seja, a sociologia do conhecimento proposta pelo autor alemão mostra que existem, em uma sociedade, modos de pensar que não podem ser compreendidos sem, ao mesmo tempo, analisar sua origem social. Do mesmo modo, algum conhecimento surge em situações sociais específicas e muda conforme as situações e contextos sociais ao longo da história. Com isso, Elias e Mannheim, com suas diferenças, preocupam-se com a estrutura social do conhecimento, no sentido de que ele se constitui em situações sociais únicas e delas depende para se legitimar e se desenvolver. Desse modo, Elias (1997) aponta que faz parte dessa lógica do desenvolvimento do conhecimento em nossa sociedade o interesse pelo conhecimento científico e sua produção, ou seja, envolvimento e distanciamento entre cientistas e não-cientistas na vida social.

De acordo com Heinich (2001), a partir da noção de envolvimento, pode-se avaliar o grau em que uma pessoa é impactada pelo ambiente externo, por pessoas, objetos, fenômenos sociais ou da natureza. A ideia de distanciamento é o oposto, pois por meio dela é proporcionada uma reflexão que permite uma ação mais planejada, uma vez que uma forte carga emocional pode causar um efeito que pode prejudicar as capacidades de

discernimento e de reação adequada ao momento. Isso é básico para Elias pensar esse par conceitual.

Kilminster (2007), por seu turno, sustenta que as ideias de envolvimento e distanciamento, apresentadas por Elias em relação à atividade científica, podem ser interpretadas como tendo suplementado a teoria de Max Weber a respeito dos valores e da objetividade científica ao, desse modo, transpor essas ideias weberianas para um novo patamar argumentativo, aprimorando seu alcance teórico. Para Kilminster, essa transformação indicada pelo sociólogo de Breslau auxiliou a mudar de forma importante a imagem “fechada” dos indivíduos que as concepções de Weber poderiam sugerir. Portanto, Elias considera com advertências as ideias weberianas e adiciona uma análise sociológica dos seres humanos provinda da teoria e dos fatos originados da sua teoria dos processos civilizadores.

A esse respeito, Heinich (2001) destaca que Elias é um defensor ferrenho da neutralidade axiológica apontada anteriormente por Weber, pois para o sociólogo devemos tentar ao máximo possível suspender nossos valores quando fazemos ciência, tendo em vista que a capacidade do cientista de se separar de seus próprios sentimentos e emoções impulsiona pesquisas menos influenciadas por esses mesmos sentimentos. E não só na pesquisa científica, mas também nas ações cotidianas, lembra Elias (1997). Nesse caso, a sociologia servirá como instrumento mediador da experiência e ação. Heinich (2001) diz que, para Elias, um maior conhecimento dos processos sociais permite, do mesmo modo, um maior distanciamento e um maior controle das emoções.

Como mostra Quintaneiro (2010), o aumento do conhecimento na sociedade, o que Elias (1997) chamaria de “fundo de conhecimento”, leva a mudanças na própria economia psíquica, na personalidade de seus membros, ampliando o desapego de sentimentos e emoções e contribuindo significativamente para o controle de nossos impulsos mais imediatos e, do mesmo modo, na elaboração de conhecimentos mais congruentes com a realidade e de ações baseadas em experiências objetivas.

Esse é um processo social intrincado. Como bem perguntou Szakolczai (2005), que realidade é verdadeiramente “real” para Elias? Qual é o critério pelo qual podemos perceber a realidade da realidade? Estas questões fazem parte de um vasto conjunto de problemas que preocupam Elias e que o sociólogo procura responder com o quadro conceitual distanciamento/envolvimento. Para o autor alemão, diz Szakolczai, o ponto de partida de qualquer investigação sociológica não pode ser localizado fora do mundo social, mas apenas na vida social. Logo, é somente através dos complexos mecanismos de restrições

emocionais que adquirimos conhecimento sério e uma compreensão mais apurada da sociedade. No entanto, Szkolczai observa que o distanciamento jamais pode ser total, pois nossa humanidade permanece apegada à experiência emocional de várias formas e depende, por assim dizer, do envolvimento afetivo em inúmeras atividades do cotidiano, visto que somos humanos, seres emocionais. Este é um dilema que simplesmente não é interessante para as ciências exatas modernas, na qual o objeto está relativamente distante do observador e pesquisador. Nesse aspecto, Szkolczai observa que, para Elias, o problema do envolvimento surge geralmente em questões de moralidade, e valores são incorporadas nas ações e saberes. Mas somente em alguns saberes.

Os problemas que os cientistas das ciências naturais formulam e que procuram solucionar com a ajuda das suas teorias possuem, dito de outro modo, um grau de autonomia relativamente elevado em face de questões da ordem do dia de carácter pessoal ou social; o mesmo é válido no que diz respeito às valorações que inundam os seus programas de investigação. O seu trabalho não está “isento de valores”, mas encontra-se, em comparação com o de muitos investigadores no campo das ciências sociais, relativamente bem protegido por meio de padrões profissionais solidamente estabelecidos e de outros mecanismos institucionais de segurança análogos da eventual penetração e imposição de valores heterônomas. [...] os cientistas da natureza procuram meios para satisfazer as necessidades humanas enveredando por um desvio: o desvio no sentido do distanciamento (Elias, 1997, p. 22-23).

Elias (1997) observa que o impulso dos seres humanos para satisfazer rapidamente certas necessidades emocionais, principalmente aquelas que visam diminuir o sofrimento ou aumentar o prazer, é percorrendo o caminho mais curto ou menos demorado. Entretanto, nas ciências da natureza esse caminho é mais moroso, sem contar que está subordinado a um conjunto de regras mais rígidas estabelecidas no meio científico institucionalizado. O sociólogo alemão observa que, enquanto no pensamento envolvido o sujeito pergunta: “qual é o significado disso para mim ou meu grupo?”, o pensamento distanciado pergunta: “o que isto significa?” ou, melhor, “de que modo estes fenômenos ou processos estão interligados?”. Percebe-se que o nível de distanciamento é muito maior com as últimas perguntas, que estão relativamente institucionalizadas em alguns ramos do conhecimento científico, principalmente nos campos das exatas e biológicas, explica Elias (1997). O comportamento distanciado aparece, nesse caso, não somente na utilização de instrumentos de análise, métodos, nos conceitos e hipóteses, mas também na forma de pensar, no seu raciocínio acerca dos fenômenos analisados, argumenta o sociólogo alemão.

Segundo Landini e Leão (2022), Elias pensa que os descompassos entre difusão e recepção dos elementos do conhecimento mostram formas de domínio sobre a produção da verdade. Contudo, a verdade construída nos experimentos e pesquisas científicas não ocorre da mesma maneira para as ciências da natureza e as da sociedade. Segundo as autoras, Elias busca entender os motivos pelos quais o conhecimento é validado com menor ou maior congruência com os fatos. Ou seja, a produção científica também tem relação com o nível de distanciamento/envolvimento que ela atinge. Se o nível de envolvimento for alto, as fantasias, mitos e falsos pensamentos vão dominar determinados saberes sobre a realidade. Mas se o grau de distanciamento for elevado, então um conhecimento mais congruente com a realidade será produzido e disseminado nos meios acadêmicos e na sociedade.

Mas Elias (1997) observa que, mesmo que um pensamento mais distanciado tenha destaque no mundo científico e na vida social, formas de pensamento envolvidas ainda fazem parte do cotidiano de forma basilar. Elas são, antes de tudo, formas de agir e pensar acerca dos seres humanos, pois estão carregadas de aspectos emocionais. Destarte, essa carga emocional para encarar os fenômenos naturais diminuiu bastante, se compararmos com nossos antepassados. Com efeito, tal situação é um processo social sem fim, com altos e baixos, que exige um forte autodomínio por parte dos seres humanos entrelaçados nessa dinâmica.

Contudo, ao sublinharmos a estrutura desta dinâmica, não podemos perder de vista o facto de a expansão do saber e controle humanos sobre a natureza não-humana constituir um mero subprocesso, que está sempre estreitamente ligado, em termos funcionais, às transformações ocorridas noutras facetas do desenvolvimento da humanidade. Nada, no âmbito da nossa experiência, nos permite afirmar que subprocessos deste tipo tenham de se desenrolar sempre numa mesma direção. Algumas fases em que se registaram retrocessos constituem factos bem conhecidos do passado. Tensões sociais crescentes e outro tipo de conflitos podem caminhar a par de um decréscimo da capacidade humana de controle sobre os fenômenos naturais e sociais; é provável que tais tensões e conflitos estejam também relacionados com uma redução da capacidade de autocontrole ao nível individual e com o aumento das cargas fantasmáticas no domínio das ações e do pensamento humanos. O facto de tais processos de acoplamento se moverem que numa quer noutra direção depende, em última análise, da situação global das unidades sociais em causa (Elias, 1997, p. 28).

Segundo Leão e Landini (2022), Elias lembra a época em que cientistas tiveram que quebrar barreiras para poder defender suas teses que, muitas vezes, iam de encontro às crenças dos grupos mais poderosos e, de modo geral, das pessoas. Cientistas como Copérnico e Galileu precisaram afrontar colegas e pessoas de sua sociedade para poder

expor suas perspectivas e, nessa empreitada, todos eles correram risco de vida ao tentar pensar diferente do que era estimulado naquele período. Elias observa que pessoas como esses cientistas incomodavam pelo fato de ir de encontro aos desejos, fantasias e pensamentos egocêntricos. Ou seja, ao mostrar que a terra não é o centro do universo, os cientistas atacaram uma percepção centrada nos próprios indivíduos, de que eles eram justamente o centro dos acontecimentos.

Sobre esse ponto trazido por Elias, Leão e Landini (2022) observam que a composição de uma percepção de mundo que seja distanciada requer, por sua vez, um autodomínio bastante fixo e vasto. Esse distanciamento sobre o universo ainda não era desenvolvido na época de Galileu. De fato, o que ocorreu foi uma mudança na estrutura social e de personalidade que possibilitou o desenvolvimento de teorias mais despidas de envolvimento emocional. Cientistas como Galileu e Copérnico são frutos desse complexo processo social que ocorre desde o Renascimento.

Como coloca Kilminster (2007), Elias explica que essa mudança de pensar a natureza e os fenômenos físico-químicos de maneira mais realista só foi possível por meio de um fundo de conhecimento disponível, que vinha sendo acumulado por muitos anos, que permitiu um julgamento mais distanciado e menos apaixonado dos acontecimentos ao redor. Ou seja, nesse processo, os objetos da natureza puderam ser analisados e avaliados com pouco envolvimento emocional.

Todavia, nas ciências sociais, a balança entre envolvimento e distanciamento ocorre de outro modo, bem como a composição do conhecimento. Elias (1997) observa que mudanças sociais de todos os tipos deixam as pessoas inseguras frente aos percalços que surgem no cotidiano. Isso acaba por dificultar muito uma observação mais distanciada da realidade social. Conforme refletem Leão e Landini (2022), Elias argumenta que o controle e entendimento sobre os fenômenos naturais não é o mesmo que o domínio do cientista social no que se refere aos seres humanos interdependentes. Ou seja, é muito mais difícil para o sociólogo controlar seus sentimentos e emoções acerca dos fenômenos sociais, ou conflitos e tensões que o cercam em seu cotidiano, do que o físico ou químico quando estudam os seus objetos de análise.

Desse modo, influenciado e balançado pelo que ocorre ao seu redor, o cientista social tem mais dificuldade de controlar as emoções no que se refere aos acontecimentos que influenciam diretamente seu cotidiano. Nesse caso, ao estarem mais envolvidos nos conflitos e tensões que os rodeiam, os cientistas sociais exibem a tendência de estarem mais imersos nos problemas sociais e na tentativa de resolvê-los. Isso afeta não apenas a

forma de observar e analisar a sociedade, mas também a utilização de teorias, métodos, hipóteses para compreender a sociedade. Sobre isso, Elias aponta que:

Em especial entre os cientistas sociais, é habitual encontrar uma tendência para imputar as dificuldades e insuficiências do seu trabalho ao facto de não lhes ser possível copiar, com todo o rigor, os métodos das ciências físicas. Esta incidência da sua atenção sobre os problemas formalistas de ‘método’ veda-lhes o acesso a obstáculos de outra espécie, como sejam os que decorrem da sua própria situação; em particular, da sua vulnerabilidade perante os problemas da sociedade a que pertencem (Elias, 1997, p. 43).

Elias nota que, nas ciências exatas, não apenas a evolução e aplicação de um método de resolução de problemas e de comprovação de teorias é mais distanciada, mas, principalmente, a maneira de enunciar os problemas, hipóteses e teorias apresenta um padrão de demonstração pouquíssimo envolvido emocionalmente. No entanto, no caso das ciências sociais, no esforço de garantir seu espaço e mostrar cientificidade, a situação pode inclusive chegar ao seguinte aspecto: a aplicação de um método similar ao elaborado pelas ciências exatas para “passar a imagem de objetividade” (Elias, 1997, p. 44).

De modo geral, para Elias, a grande diferença entre as ciências da natureza e as ciências humanas é no grau de envolvimento e distanciamento no que diz respeito ao modo de pesquisar, no domínio dos objetos e na produção de teorias e hipóteses. Nas ciências sociais, cria-se muitas vezes uma imagem um tanto duvidosa de distanciamento, mas na verdade pode esconder uma postura, teoria e hipóteses, deveras envolvidas emocionalmente. Ou seja, para Elias (1997), o propósito dos cientistas deve ser procurar sem cessar reunir um fundo de conhecimento sempre amplo de teorias e métodos com um fundo relacionado de observações empíricas, via análises críticas. Os métodos variam bastante, mas, segundo o sociólogo, o importante é saber se os novos resultados e conhecimentos das pesquisas e análises são ou não um progresso para o saber humano quando são comparados, no espaço de um longo processo social, com o saber anterior.

3 CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA ELIASIANA

Um dos aspectos fundamentais da epistemologia eliasiana é que ela permite um estudo mais detalhado das condições de possibilidade do conhecimento científico e sociológico (Farias, 2022). Compreender as condições sociais de determinado saber humano foi um grande interesse do autor nos seus últimos anos de vida. Na verdade, Elias percebe que, durante a chamada “modernidade”, tanto as ciências naturais como, no século XIX, as ciências sociais queriam, a todo custo, se afastar da filosofia e se constituir enquanto ramos

distintos e autônomos de conhecimento. Ambas as ciências buscam, por meio de métodos e técnicas, compreender como os fenômenos estão interligados.

Contudo, Elias (1997) sugere que falta a quem faz sociologia um conceito que ajude a compreender os processos sociais, ou melhor, um modelo multidimensional de sociedade, em que as conexões podem ser apresentadas como um problema. O que o autor quer dizer é que a relação entre natureza e seres humanos, a vida social em unidades de sobrevivência, como também a relação dos indivíduos com eles mesmos, são, por sua vez, inseparáveis (Mennell, 1992). Cabe a quem faz sociologia demonstrar essas relações e compreender o ser humano como um processo.

Elias (1997) retoma o conto de Edgar Allan Poe, “*A descent into the Maelstrom*”, para ilustrar esse argumento. Em determinado momento do conto, os pescadores de alto mar perderam o barco e tiveram que nadar na correnteza incontrolável. Enquanto um pescador tenta se salvar raciocinando e usando seu controle emocional, agarrando-se aos pedaços de barco que encontra ao seu redor, o outro pescador se desespera e, por consequência, se afoga. O controle emocional foi importante para ajudar um se salvar; a falta de controle contribuiu para o afogamento do outro pescador. Nesse caso, aquele que se salvou estava em um processo crítico. O sociólogo alemão lembra que é bem possível que o pescador estivesse abalado e desesperado no decorrer do naufrágio, mas, algum momento depois, se acalmou e passou a pensar de um modo mais distanciado. Com isso em mente, descobriu uma forma de se salvar e tentar controlar aquilo que estivesse ao seu alcance.

Elias (1998) enfatiza que os seres humanos têm a capacidade de controlar as suas emoções e que, ao longo de um gradual e complexo processo social, foram desenvolvendo mecanismos para poder controlar melhor seus impulsos e alguns aspectos das situações que os rodeiam em sua configuração social. Tudo isso com certa dose de distanciamento e sem o auxílio de fantasias ou delírios, ou seja, de maneira realista e objetiva, sem a intromissão de artifícios de ordem emocional. Mas nem sempre foi assim, nem isso está garantido de uma vez por todas, explica o sociólogo alemão.

O que Elias (1997) faz questão de destacar é que as emoções em excesso atrapalham, mas a falta completa delas também pode prejudicar. Uma pessoa totalmente distanciado em uma situação real de perigo, por exemplo, pode tomar as decisões equivocadas, que uma pessoa menos distanciado pode perceber com mais esperteza. Na realidade, o autor sugere que em situações da vida social o que importa é não estar nem totalmente envolvido, nem totalmente distanciado. O conto dos pescadores que o autor traz demonstra a interdependência entre o controle das emoções e o processo social onde a

possibilidade de controle está inserida. Elias sabe que uma exposição aos perigos, sejam eles de qualquer origem, aumentam, por sua vez, a carga emocional das ações dos indivíduos. Isso reduz de modo drástico a chance de qualquer leitura realista dos eventos e de ter qualquer postura crítica (de si, dos outros e das coisas ao redor). O sociólogo alemão observa que a incapacidade de dominar as emoções anda lado a lado com uma forte carga emocional e de fantasia, o que impossibilita um melhor controle dos perigos. Isso só reforça um círculo vicioso, pois conforme ficamos mais emocionais, mais incapacitados ficamos de lidar com situações do nosso cotidiano.

Kilminster (2007) afirma que Elias demonstrou essa circularidade dos fenômenos, como também maneiras de sair desse processo. Segundo o sociólogo, foi somente depois de um longo processo de acúmulo de conhecimento ao longo da história, junto ao controle maior dos eventos naturais e sociais, entre outros fatores, que permitiu na modernidade o aparecimento das ciências, entre elas, as sociais. Gradualmente, com avanços (desenvolvimento de novos métodos e técnicas de investigação e análise de fenômenos sociais) e recuos (alto envolvimento ideológico de correntes teóricas de pensamento), as ciências humanas e sociais vão se desenvolvendo mediante um escopo de teorias, métodos e hipóteses sobre a vida social e o comportamento humano. Algumas avançam mais do que outras. Elias percebe que os problemas sociais mais urgentes colocam uma pressão para serem resolvidos, mas a complexidade das relações sociais deixa esses mesmos problemas, por consequência, ainda mais complexos.

Nesse aspecto, segundo Leão e Landini (2022), os conceitos de envolvimento e distanciamento, bem como os argumentos propostos pelo sociólogo alemão a partir de sua epistemologia, são relevantes e podem auxiliar a compreender as formas de abordagem científica em determinado período histórico, como também proporcionam entender os níveis conscientização da ciência na sociedade. Isto é, compreender os processos sócio-históricos de desenvolvimento e transmissão do conhecimento humano, por meio de uma análise sociológica.

O distanciamento e o envolvimento total são inviáveis, contudo, existem em todas as épocas processos sociais que favorecem ou estimulam uma conduta mais envolvida ou distanciada das situações do cotidiano dos indivíduos. Elias percebe esse fenômeno e sugere que podemos compreendê-lo para melhor intervir em vários problemas políticos, econômicos e sociais, por meio de um conhecimento mais objetivo e congruente com a realidade da vida social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos anteriormente como Elias pensa os conceitos de envolvimento e distanciamento em seus trabalhos. Para o autor, autodomínio e um maior distanciamento são importantes para que um indivíduo possa conviver com os outros em sociedade. No entanto, um maior envolvimento emocional pode atrapalhar essa convivência. Mas não apenas isso, Elias sugere com as concepções de envolvimento e distanciamento uma estrutura conceitual ou ferramenta analítica fundamental no pensamento sociológico. O sociólogo deixa evidente que o início de qualquer investigação ou análise sociológica deve ser realizado mediante um maior distanciamento e menor envolvimento com os fenômenos analisados (por exemplo: as condições sociais do conhecimento, o desenvolvimento das ideias acerca da morte etc.). Na verdade, o autor alemão sugere que um maior equilíbrio entre esses dois lados deve ser buscado, visto que a vida social ficaria inviável se pendêssemos demais para um dos fluxos dessa balança.

Segundo o sociólogo, um maior conhecimento da vida social implicaria mais conhecimentos sobre a sociedade que, por sua vez, proporcionaria um distanciamento emocional maior desses acontecimentos. A noção de distanciamento propõe uma reflexão sobre agir de modo menos emocional, enquanto a de envolvimento pretende analisar o grau em que um indivíduo é afetado pela vida social, pessoas, objetos ou outros eventos da sociedade e natureza. Essa proposta analítica de Elias pretende ser uma continuação da proposta weberiana de neutralidade axiológica e, com isso, pensar de outro modo a questão dos valores e da objetividade científica.

Norbert Elias buscou um conhecimento da vida social mais congruente com a realidade e os fatos disponíveis. Uma análise da sociedade e dos indivíduos distante de ideologias, mitos e fantasias. O sociólogo pensou que um distanciamento maior no que se refere ao conhecimento da sociedade era o modo mais adequado de entendê-la. Os pensamentos envolvidos devem ser objeto de estudo da sociologia e não seu guia de análise. Por isso, Elias sugere que uma leitura mais distanciada é o modo mais adequado de entender os fenômenos sociais.

REFERÊNCIAS

DUNNING, Eric; HUGHES, Jason. **Norbert Elias and Modern Sociology**: Knowledge, Interdependence, Power, Process. London: Bloomsbury, 2013.

- ELIAS, Norbert. **Envolvimento e distanciamento**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FARIAS, Daniel Costa. As condições de possibilidade do conhecimento sociológico: a constituição processual da sociologia segundo Norbert Elias. **Simbiótica Revista Eletrônica**, v. 9, n. 1, p. 38-58, 2022.
- HEINICH, Nathalie. **A sociologia de Norbert Elias**. Bauru: EDUSC, 2001.
- KILMINSTER, Richard. **Norbert Elias**: post-philosophical sociology. London: Routledge, 2007.
- LEÃO, Andrea Borges; LANDINI, Tatiana. **10 lições sobre Norbert Elias**. Petrópolis: Vozes, 2022.
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- MENNELL, Stephen. **Norbert Elias**: an introduction. Dublin: University College Dublin Press, 1992.
- QUINTANEIRO, Tania. **Processo civilizador, sociedade e indivíduo na teoria sociológica de Norbert Elias**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.
- ROJEK, Chris. Problems of involvement and detachment in the writings of Norbert Elias. **The British Journal of Sociology**, v. 37, n. 4, p. 584-596, 1986.
- SZAKOLCZAI, Arpad. Elias and the Refounding of Social Theory: a comment. **Current Sociology**, [S.L.], v. 53, n. 5, p. 829-834, set. 2005.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

OS RUMOS DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: AS CONCEPÇÕES DE ENVOLVIMENTO E DISTANCIAMENTO EM NORBERT ELIAS

Daniel Costa Farias

Doutorado em Sociologia

Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, PPGS/UFPE, Pernambuco, Brasil
fcostdaniel@outlook.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5155-5618>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Rita Alves Ramos, 464, Itararé, Campina Grande-PB, Brasil.

LICENÇA DE USO



Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 29/09/2023

Aprovado em: 20/01/2024

